



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da nova unidade da empresa Polibrasil

Mauá – SP, 10 de março de 2003

O Alckmin está encurtando o meu discurso, a cada dia que passa. Porque, se o governador fala muito, o Presidente fala muito; se ele fala pouco, eu falo pouco.

Quero cumprimentar o David Feffer. Quero cumprimentar o Volker Trautz.

Quero cumprimentar todos os empreendedores que estão, hoje, inaugurando esse complexo industrial Polibrasil. Eu estou convencido de que o nosso país tem todas as condições de, num curto espaço de tempo, recuperar um pouco do tempo perdido e voltar a ocupar um espaço mais excepcional nesse mundo globalizado.

Acredito que todo mundo tenha clareza do que representa o setor petroquímico no mundo moderno. E mais clareza, ainda, do potencial que permite ao Brasil, nesse setor, ter uma atuação muito mais forte.

O nosso companheiro presidente da Petrobrás, José Eduardo Dutra, a nossa ministra de Minas e Energia, a companheira Dilma Roussef, sabem e têm um nítido compromisso de fazer com que cada gesto nosso, cada atitude nossa possa significar uma contribuição para que o Brasil volte a crescer, volte a gerar empregos, riquezas, e possa dar ao seu povo a cidadania que toda a sociedade merece.

Esta região do ABC é uma região privilegiada. E eu queria aproveitar que estão aqui todos os prefeitos do ABC e a prefeita – porque está aqui a companheira Maria Inês – e dizer para vocês que, possivelmente, o ABC tenha marcado história quando vocês, há algum tempo, resolveram criar um fórum para debater o desenvolvimento da região.

No Brasil o que falta, hoje, são exatamente fóruns, para que as pessoas possam promover discussões sobre o desenvolvimento estratégico, sobre desenvolvimento a longo prazo, planejamento e, sobretudo, sobre o desenvolvimento regional.



O Brasil há muito tempo deixou de ser planejado e deixou de ser pensado de forma estratégica. Nós, agora, estamos constituindo um grupo de trabalho que, sob a coordenação do meu vice, José Alencar, vai utilizar técnicos das universidades brasileiras, setores ligados aos empresários brasileiros, e instituições como o IBGE e o IPEA, para que montemos um núcleo de debate estratégico sobre o desenvolvimento do Brasil. O que o Brasil precisa, neste momento, para que a sua economia volte a crescer? O que o Brasil precisa, neste momento, para ganhar competitividade, num mundo globalizado?

E é exatamente nesses setores, além do investimento no fortalecimento do mercado interno, incentivando as indústrias de bens de consumo popular, que nós vamos desenvolver a economia brasileira.

É preciso que a gente marque, com muita clareza, quais são os setores em que o Brasil pode, definitivamente, disputar espaço no mundo globalizado. Sem continuar com a mania que habitualmente nós, brasileiros, temos de achar que somos coitadinhos, de achar que somos do Terceiro Mundo, de achar que somos os pobres da América Latina, da América do Sul, que somos pobres porque os americanos são ricos, que somos pobres porque a Europa é rica e que somos pobres porque o imperialismo faz com que sejamos pobres.

É preciso parar de olhar os defeitos dos outros e começar a olhar as nossas virtudes.

Nós não somos um país emergente há muitos anos, não por culpa de qualquer outro país do mundo. Nós não somos um país emergente há muitos anos porque, há 40 anos poderíamos ter feito no Brasil as reformas de que o Brasil hoje precisa. Nós poderíamos ter alfabetizado este país. Nós poderíamos ter feito reforma agrária neste país. Nós poderíamos ter cuidado da saúde, com carinho, neste país. Nós poderíamos ter investido em setores que precisam do Estado para se desenvolver e não o fizemos na medida certa. E, hoje, estamos pagando o preço de não termos feito as coisas certas na hora certa.

Portanto, a responsabilidade, agora, não é do Presidente da República, não é



do governador de estado, não é dos prefeitos das cidades. A culpa é, na verdade, de todos nós, brasileiros. É preciso que a gente pare de culpar o nosso vizinho e comece a pensar o que nós não fizemos no tempo certo, o que não fizemos na hora certa. E nós queremos dar o primeiro passo.

É por isso que vamos mandar ainda, de comum acordo com os governadores de estado, a reforma tributária que os empresários e a sociedade brasileira tanto reivindicam para ser votada no Congresso Nacional. É por isso que vamos fazer a reforma na Previdência Social. É por isso que vamos fazer a reforma na legislação trabalhista, porque entendemos que precisamos de uma adequação ao um mundo real em que vivemos hoje. E, a partir dessas reformas, que pretendemos fazer este ano, acho que o Brasil estará pronto, mais do que pronto, para competir com qualquer país do mundo sobre os principais produtos de exportação.

Fico feliz, meu caro Trautz, muito feliz. Hoje é a segunda vez que vejo um estrangeiro falar bem dos brasileiros. Normalmente, a gente ouve empresários brasileiros dizerem que o trabalhador brasileiro precisa copiar o trabalhador alemão, precisa copiar o trabalhador japonês. Houve no Brasil até quem, um dia, falou que a gente, se quisesse dar certo na agricultura, deveria importar japonês. Hoje, tive a grata alegria de ver um empresário alemão do setor petroquímico e como vi, de manhã, um empresário alemão do setor automobilístico, parabenizarem os trabalhadores brasileiros pela sua competência e pela sua capacidade de produção, não devendo nada a trabalhador de nenhum país do mundo.

Isso significa o quê? Isso significa que, com um pouco de informação, a gente pode se transformar não apenas em campeões de futebol ou de carnaval. Nós podemos nos transformar em campeões de produção, em campeões de produtividade e de qualidade. E acho que é isso que a Polibrasil pode ajudar a dar de exemplo ao Brasil e ao mundo.

Vocês estão lembrados que eu disse, no dia da posse, que não havia espaço na minha cabeça para pessimismo. Vocês, até hoje, não me ouviram falar uma única palavra criticando o governo anterior. Vocês, até hoje, não me ouviram dizer uma



única palavra que significasse dificuldade para o futuro. Não. Primeiro, porque, se no Brasil as coisas estivessem boas, eu não teria ganho as eleições. Segundo, eu ganhei as eleições exatamente porque acredito que o Brasil precisa de mudanças substanciais. Mudança na relação Estado e sociedade, mudança na relação governo e empresários.

Tenho recebido no gabinete, em Brasília, dezenas de grupos empresariais, dos mais diferentes setores da economia brasileira. O que ouço deles, todo santo dia é que, nunca, nenhum Presidente da República, nenhum, conversou com as categorias econômicas organizadas. E, como acredito que o diálogo é a única forma capaz de fazer com que a gente encontre os pontos comuns entre empresários e trabalhadores, entre sociedade e Estado, para que a gente promova mudanças, vamos nos cansar de fazer esse diálogo, para ver se a gente consegue fazer o Brasil dar um salto de qualidade e melhorar a qualidade de vida do nosso povo.

Fui à Mercedes Benz, hoje. Lá, descobrimos que o primeiro Presidente da República que foi à Mercedes Benz foi Juscelino Kubitschek, em 1956. Depois, descobrimos que o primeiro Presidente da República a visitar a refinaria foi Café Filho, em mil novecentos e cinquenta e poucos também. Muitas vezes, as nossas autoridades preferem visitar outros países do que conhecer a nossa realidade. E acho que a solução dos problemas brasileiros está dentro do Brasil. E vamos fazer isso.

O Alckmin disse bem: hoje, tivemos um dia que pode transformar um governante num homem que volta para casa feliz. Primeiro, porque fomos à Feira do Plástico. Depois, porque fomos à Mercedes Benz. Ele não foi, mas eu fui. Depois, porque fomos a uma refinaria. E, agora, porque estamos aqui, na Polibrasil.

Acho que o dia de hoje fortaleceu na minha cabeça a seguinte idéia: o Brasil tem crianças de rua, o Brasil tem gente passando fome, o Brasil tem prostituição infantil, o Brasil tem trabalho escravo. Isso a gente não pode esquecer nunca e tem que denunciar todo dia e tentar mudar todo dia. Agora, o Brasil não é só isso. O Brasil também é uma empresa como esta Polibrasil, que demonstra que, a partir da



inauguração de uma planta moderna como esta, qualquer brasileiro poderá, no exterior, se orgulhar de dizer que o Brasil não tem a preocupação de competir com qualquer outro país, em qualquer setor da atividade econômica.

É por isso, meu caro David, que na questão da ALCA nós estamos agindo com cuidado. E qual é o cuidado? Vamos nos sentar à mesa de negociação, vamos discutir, item por item, as coisas que precisam ser discutidas. Agora, a única coisa da qual não abrimos mão é de sermos respeitados e não vamos permitir que as nossas empresas sucumbam a tecnologias de outras empresas mais avançadas que as nossas. Se quisermos competir, fazer livre comércio, nós precisamos ter o mesmo tratamento. Nós precisamos ser respeitados, e as nossas indústrias e a nossa agricultura precisam sobreviver.

Se os Estados Unidos estão pretendendo mandar para a Organização Mundial do Comércio aquilo em que eles têm mais interesse, eu não tenho dúvida de que o Furlan e o Roberto Rodrigues, que são especialistas em negociações de comércio exterior, saberão também mandar aquilo que nos interessa para a Organização Mundial do Comércio, porque queremos fazer uma política de duas mãos. Queremos fazer uma política de justiça social. Queremos fazer uma política em que a nossa indústria e a nossa agricultura possam sobreviver de forma competitiva.

Daí porque nós vamos fortalecer o Mercosul. Daí porque nós queremos trazer outros países para participarem do Mercosul. Daí porque estamos apressando os nossos acordos com a União Européia. Daí porque queremos reforçar as nossas relações com a China. Daí porque queremos reforçar as nossas relações com a Índia. Daí porque queremos reforçar as nossas relações com o Japão. Daí porque eu estou pedindo ao ministro das Relações Exteriores e ao ministro Furlan que, no mês de setembro ou outubro, a gente faça uma semana de Brasil no Oriente Médio, para que a gente possa vender os produtos que o Brasil pode vender. E não vamos ficar esperando que algum país grande tenha compaixão e dê um espaço para o Brasil. Nós já somos adultos, já temos 500 anos, já temos competitividade. Nós



vamos buscar, de forma incansável, durante 24 horas por dia, o nosso espaço no mundo.

É por isso que o Furlan foi escolhido para ser ministro do Desenvolvimento, da Indústria e Comércio Exterior. Eu não queria um aprendiz nessa área, eu queria alguém que já tivesse passado pela iniciativa privada e, comprovadamente, tivesse tido sucesso.

É com essa imagem e com esse tipo de trabalho que vamos ocupar o nosso espaço no mundo. Não espero compaixão de nenhum país, não espero benevolência de nenhum país. O que eu quero é que nós, trabalhadores, empresários e governantes aprendamos a andar de cabeça erguida e a entender que o nosso espaço e a nossa parte, no mundo, serão conquistas nossas e não concessão de nenhum competidor com os produtos brasileiros.

Foi assim que a Embraer ganhou da Bombardier. É assim que a gente vai ganhar em celulose, é assim que a gente vai ganhar em carne, é assim que a gente vai ganhar em frango, é assim que a gente vai ganhar em soja, é assim que a gente vai ganhar em automóveis. É assim que nós vamos ocupar um espaço que o Brasil jamais deveria ter deixado de ocupar, como Nação emergente, como Nação competente, como uma grande Nação, capaz de fazer o que a China está fazendo. Napoleão Bonaparte disse: “A China é um gigante adormecido, e no dia em que acordar o mundo vai tremer”. E a China acordou, e o mundo está, pelo menos, preocupado com o potencial de crescimento da China. Antes de Napoleão Bonaparte ter visitado a China, o hino brasileiro já falava que nós somos um gigante.

Portanto, o que nós precisamos, meu caro David, meu caro governador, é acordar e dizer a nós mesmos: “Quem tem que defender, quem tem que vender e quem tem que acreditar no Brasil somos nós, brasileiros.”

Muito obrigado. Toda a sorte do mundo à Polibrasil. E, naquilo que o governo federal puder contribuir para o desenvolvimento da indústria brasileira, podem ficar certos: o BNDES não vai faltar com os empreendimentos de que o Brasil necessita para voltar a crescer.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

Obrigado.

/mcpro/lrj